

DESPORTO, MULHERES, *MEDIA*: O CORPO DESEJÁVEL DAS DESPORTISTAS

Catherine Louveau

Resumo A actividade desportiva é uma prática social onde se exprimem e se constroem “hábitos sociais” de corpos que são sexualmente diferenciados. A prática desportiva corporiza as representações da feminilidade e masculinidade, bem como das relações entre os sexos que encontramos em todas as práticas sociais. Neste texto, a autora procura demonstrar que estas representações são identificáveis, tanto quando se analisa o processo histórico de acesso das mulheres à prática desportiva, como quando se examinam os discursos dos *media* sobre as desportistas.

Palavras-chave Actividade desportiva; corpo; diferenciação sexual; *media*; mulheres desportistas.

Quem quiser aprofundar a temática das relações entre “desporto, mulheres e *media*” vai deparar-se, à partida, com um “silêncio” por parte não só da história (Michelle Perrot) mas também da sociologia, como acontece de um modo geral sempre que alguém se dedica à questão dos modelos, normas e usos do corpo no desporto.

O desporto implica fundamentalmente o corpo (através de *mises en jeu* e de *mises en scène*), o que significa, como sublinhou Geneviève Fraisse, que “nenhuma diferença pode ser neutralizada”. Como demonstrei com Annick Davisse (Davisse e Louveau, 1998), esta actividade é uma prática social onde se exprimem e se constroem “hábitos sociais” de corpos que são sexualmente diferenciados.¹ Analisando (nos planos histórico e sociológico) a distribuição dos homens e das mulheres no que toca às práticas físicas e desportivas, vêm à tona os contornos da feminilidade e da masculinidade (variáveis conforme as épocas e as culturas), bem como as relações entre os sexos, que também estão obviamente presentes em todas as outras práticas sociais. Mas, neste caso, ganham relevância os comportamentos social e culturalmente esperados, que pesam sobre a masculinidade e a feminilidade...

Esses comportamentos podem ser evidenciados a dois níveis: trabalhando, por um lado, sobre o acesso das mulheres às modalidades desportivas (no plano diacrónico e sincrónico); analisando, por outro lado, o modo como os *media* mostram as desportistas. Através do que as mulheres podem (ou não) fazer, através do que delas se mostra, do que delas se diz, vão-se desenhando algumas normas relativas à aparência corporal e mais genericamente uma prescrição de feminilidade; o mesmo se passa quando se procura identificar o reverso destes femininos possíveis (o que está proibido, o que não se diz, o que não se mostra...).

Se é possível falar de “corpo desejável” a propósito das desportistas tal como são mostradas nos *media*, é porque se trata de um corpo e de uma feminilidade socialmente aceitáveis (estão aqui em questão normas que têm a ver com as aparências) e simultaneamente de um corpo objecto de desejo sexual, capaz de agradar, de atrair (Davis e Louveau, 1998; Louveau, 1999a e 1999b).

Feminização diferenciada das práticas físicas e desportivas

Para melhor compreender as imagens e os discursos, é necessário lembrar aqui, rapidamente, alguns pontos essenciais que caracterizam (pelo menos no caso francês) o acesso das mulheres às práticas desportivas desde há cerca de um século de “desporto moderno”.

Tem-se verificado, através da história, uma feminização diferenciada das modalidades desportivas. A presença crescente de mulheres no campo da prática desportiva ao longo do tempo não teve por corolário uma igual feminização de todos os desportos. Alguns desportos pertencem de longa data ao universo feminino: a dança, a ginástica, a maioria das disciplinas do âmbito da equitação. Outros, como os desportos no gelo, a natação ou o atletismo (se exceptuarmos algumas disciplinas), feminizaram-se bastante rapidamente no decurso deste século. E há ainda aqueles que, como a luta, o ciclismo, o futebol, o halterofilismo, pelo contrário, pouco se feminizaram.

Das modalidades escolhidas às formas de as praticar, são portanto identificáveis práticas físicas “de mulheres” (práticas ditas “femininas”), no sentido de que as mulheres as elegem, as apreciam, sonham com elas, como outras são consideradas “de homens” (práticas ditas “masculinas”), no sentido de que os homens as elegem, as apreciam, sonham com elas. Estas orientações selectivas — estatisticamente analisáveis no que se refere aos últimos 30 anos — são evolutivas: a ginástica nem sempre foi feminina (ainda assim, neste campo, seria necessário distinguir entre os diferentes tipos de ginástica — de manutenção, rítmica e desportiva...). O conteúdo e o registo do que é dado como “não feminino” têm mudado com o tempo, mas também é possível observar formas constantes: certos desportos estagnam numa imperceptível feminização e permanecem lugares masculinos quando não mesmo “conservatórios de virtudes viris” (Pociello, 1983: 164).

Regulamentos e proibições expressamente estipulados têm constituído reais obstáculos, conduzindo a uma feminização diferenciada dos desportos. Mas não basta que um determinado desporto seja potencialmente acessível às mulheres para que elas acorram a praticá-lo em larga escala, como comprovam múltiplos exemplos ao longo da história. Nos nossos dias, a feminização diferenciada das APS (associações para a prática desportiva) continua a ser uma realidade, apesar de todos os desportos estarem regulamentarmente abertos e disponíveis enquanto prática instituída.

Não há dúvida de que entram em jogo obstáculos menos visíveis mas com

maior peso que o dos obstáculos institucionais, que têm a ver com aquilo que é social e culturalmente esperado e que, embora conjuntural, recai sobre os dois sexos. Se poucas mulheres escolhem hoje os desportos que classifiquei como de tradição masculina (Louveau, 1986: 260) (do rugby ao ciclismo passando pelo parapente ou pelo alpinismo) é certamente porque eles são, de uma maneira ou de outra, incompatíveis com as representações que homens e mulheres construíram do que convém ou não a uma mulher.

Estas escolhas ou não escolhas tornam-se inteligíveis se atentarmos nas aptidões físicas que estes desportos requerem, nas relações com o corpo e com os aparelhos utilizados, nas características técnicas e espaciais que lhes são próprias. Mostrar ou exercer a sua força, participar num combate, desferir ou receber golpes, manejar as armas, pilotar máquinas pesadas, expor a riscos corporais — são muitas as actividades que as mulheres, supostamente, não podem tomar como suas e que pertencem, por assim dizer, à masculinidade. De facto, a apropriação pelas mulheres destes desportos de tradição masculina prova que, nas fronteiras do masculino e do feminino (e da intermutabilidade), se oscila entre o inabitual e o proibido. Florence Artaud talvez tenha incomodado, mas não transgrediu; quanto às jogadoras de rugby, essas chocam mesmo. Apropriar-se, em toda a sua exterioridade, de saberes e de aptidões ou correr riscos são coisas das ‘feminíeis’.² Em contrapartida, situar-se no registo do “ser como” (ter força, possuir uma musculatura ‘avantajada’ para uma mulher),³ em suma, apropriar-se da aparência física do outro e subverter assim os principais sinais de identidade é impensável.⁴

Se virmos bem, a divisão em função do sexo do trabalho desportivo equivale à divisão em função do sexo do trabalho profissional, doméstico e mais genericamente dos espaços e das práticas sociais. A chegada das mulheres às práticas desportivas está ligada às transformações e aos movimentos sociais que afectam a sua vida e o seu estatuto. É possível constatá-lo em França,⁵ e, se bem que o processo seja inverso, nos países dominados por ideologias que impõem às mulheres a reclusão (física e/ou espacial).

As desportistas nos *media*

Uma sub-representação persistente

O lugar ocupado nos *media* pelas desportistas (tanto do ponto de vista quantitativo como do ponto de vista qualitativo) está na mesma linha do lugar aí ocupado pelas mulheres em geral. Com base nos dados do inquérito internacional efectuado pela Mediawatch, podemos afirmar que as mulheres estão quase ausentes da informação⁶ e, quando estão presentes, é de maneira estereotipada (em relação com a esfera afectiva ou sexual, com a família, com os filhos). A presença das mulheres no desporto é exactamente da mesma ordem, sendo mesmo essas características postas em relevo.

Só excepcionalmente as mulheres são jornalistas na esfera do desporto. Enquanto no conjunto da profissão, maioritariamente masculina, representam mais de um terço,⁷ no desporto constituem 5% do conjunto (90 mulheres em cerca de 1800 jornalistas filiados na USJSF), proporção que não ultrapassava os 2% há dez anos atrás. Em 1996, em Atlanta, não havia senão 10% de mulheres entre os jornalistas franceses acreditados.

O desporto *mediatizado* tem sido e continua a ser massivamente masculino. É um universo quase exclusivamente de um dos sexos, quer no que toca a jornalistas, quer no que toca a imagens divulgadas.

Um trabalho em curso sobre o conjunto dos *media* (imprensa escrita, rádios, televisões) fornece-nos elementos que permitem analisar objectivamente a presença de mulheres desportistas nos *media*.⁸ Eis alguns resultados:

- o desporto feminino representa em média 16% do espaço ocupado pelas páginas desportivas... e estas constituem apenas 1% do número de páginas da imprensa "feminina"...
- a imprensa interessa-se pelas desportistas através da competição (em três quartos dos casos, aborda-se a competição de alto nível), sobretudo quando elas são vencedoras; muito claramente, exige-se às mulheres que ganhem para aparecerem na imprensa, o que nem sempre acontece no caso dos homens...
- os desportos em que aparecem mulheres são em número muito restrito: em 1998 (o período estudado inclui os Jogos Olímpicos de Inverno), o esqui, o ténis, o atletismo, bem como a patinagem e a vela representam mais de 50% dos artigos que tratam das mulheres desportistas.

No que à televisão francesa diz respeito, os dados anualmente publicados pelo CSA⁹ sobre os espaços horários consagrados aos diferentes desportos constituem um indicador precioso deste ponto de vista. Em 1997, ano não olímpico,¹⁰ as cinco cadeias hertzianas consagraram 2052 horas ao desporto. Durante dois terços desse tempo (63%), é mais que provável que não tenha sido possível ver nenhuma desportista, dado que ele foi ocupado com os desportos mais difundidos, que estão também entre os mais masculinos: por ordem, o futebol, o ciclismo, o rugby, os desportos mecânicos, o boxe, a Fórmula 1, os *rallies*. Durante 17% do espaço horário total, consagrado ao ténis, ao atletismo e ao golfe, elas poderão ter aparecido; com maior certeza, podemos falar da sua aparição no tocante à patinagem, difundida durante 25 horas em 1997, ou seja 1,2% do tempo anualmente reservado ao desporto.

A presença das desportistas nos *media* é, pois, eminentemente discreta. As mulheres estão nitidamente sub-representadas. Ainda que a competição seja um universo maioritariamente masculino, as mulheres representam, no conjunto das modalidades, 30% dos desportistas de alta competição em França. Mas no desporto mediatizado, não vão além de 10%.¹¹

São vários os factos que se conjugam para explicar isso: os jornalistas são homens; o público, mulheres incluídas, desinteressa-se do desporto feminino. Por

outras palavras, o desporto de competição praticado por mulheres 'vende-se mal', o corpo desportivo das mulheres não tem público ou então a 'coisa' só resulta quando se trata de práticas desportivas tidas como femininas/feminizantes: a patinagem artística e a ginástica desportiva são os desportos nos quais as mulheres são mais vistas (visíveis) e aqueles que o público feminino vê com mais frequência. Do que se trata de facto é de estética de gestos e de figuras, de "graciosidade", de aparências produzidas através de roupa e de maquilhagem. Pode ver-se que importa aqui menos o corpo produtivo que o corpo estético.¹² É pois esse o desporto feminino que atrai prioritariamente, senão exclusivamente, a atenção/as audiências.

Quando aparece a desportista: "Cherchez la femme..."

Os desportistas e as desportistas são objecto de tratamento diferenciado quando são comentadas as suas práticas e *performances*. Do desportista em acção, é descrito o que faz. O mesmo não acontece com as desportistas, de quem os comentadores não sabem dizer o que elas fazem sem passarem pelo que elas parecem. É essa uma das especificidades do desporto no feminino: não pode ser comentado sem que seja apreciada a estética daquela que o pratica ("a sempre bela e sempre tão rápida Florence Griffith Joyner", "tranquilamente temível por detrás do seu lindo sorriso, ela chega sempre ao topo" — C. Destivelle).

Há uma fasquia para medir a estética das desportistas. É prova disso, por exemplo, a "troca de argumentos" entre Jannie Longo (ciclista) e Muriel Hermine (praticante de natação sincronizada) por interposto órgão de comunicação (*L'Équipe Magazine*, 06/11/87). Interrogada e mesmo posta em questão relativamente à sua "feminilidade", quando comparada a Katharina Witt ou a Muriel Hermine, que "são belas e femininas", J. Longo acaba por afirmar que a natação sincronizada não é "verdadeiramente um desporto". Ao que M. Hermine responde: "No fim de contas, se há mulheres que procuram antes de mais dar expressão à sua virilidade, é porque devem reconhecer aí uma parte da sua personalidade" (*L'Équipe Magazine*, 03/12/87). As duas desportistas não foram tratadas com isenção, como se depreende da legenda do jornalista sob a foto da campeã de natação sincronizada: "Quem tem culpa de que Longo rime com 'macho' e Hermine com 'féminine'?" Aí estão enunciados os limites e, com eles, o referente normativo da feminilidade. Uma ajusta-se à norma, a outra não.

M. Hermine pratica uma modalidade onde mostra o que se espera de uma mulher — numa actividade em rigor quase exclusivamente praticada por mulheres. J. Longo entra em ruptura com essa imagem e com essas expectativas, dedicando-se a um desporto que conta com menos de 5% de mulheres entre os seus praticantes, um desporto ainda por cima caracterizado por uma longa tradição masculina repleta de heróis e de feitos lendários.

Qualquer que seja a modalidade que praticam, as desportistas são inevitavelmente julgadas em função de critérios estéticos e por referência geralmente implícita aos cânones da beleza feminina clássica que são apanágio da praticante de

natação sincronizada, bem como da bailarina, da ginasta ou da patinadora. Eis o modelo, o "molde" a partir do qual todas as desportistas deveriam ser feitas.

Só nos apercebemos bem disso quando as mulheres se dedicam a desportos "de tradição masculina" ou quando têm compleições diferentes do referido padrão. É o que acontece no ciclismo: "A subida de Morzine, em especial, permitiu convencer os milhares de espectadores presentes de que também as raparigas eram capazes de aguentar-se em cima duma bicicleta. É claro que seria mais feminino imaginá-las actrizes ou modelos, mas, em 1985, seria bom que o homem compreendesse enfim que a mulher não tem como papel permanente o de ser feminina para seduzir o macho. Algumas jovens do pelotão *aliás* não têm muito a invejar, no plano físico, aos modelos da *Play-boy*. Libertem-nas dos calções de ciclismo, maquilhem-nas, e não ficarão decepcionados" (*L'Équipe Magazine*, 29-30/06/85; sublinhado meu).

Por baixo da camisola, como por baixo deste discurso ambíguo, é sem dúvida A mulher que se procura... e que se exige. As desportistas dos países de leste foram por um tempo (o final dos anos 80) particularmente interpeladas a este propósito: "Exceptuando Katharina Witt, símbolo indiscutível de beleza, as outras têm ainda muito caminho a percorrer. Numa prova de 400m, vê-se o corpo de perto. E percebe-se que as raparigas de leste, em 90% dos casos, não depilam as axilas... nem o resto (...) as raparigas... também se poderia dizer os camiões. Só que estas não nos transportam" (*L'Équipe Magazine*, 29-30/06/85).

A fazer fé nos comentários jornalísticos, as desportistas sem excepção, jogadoras de voleibol ou lançadoras de peso, atletas ou patinadoras, deveriam ter a mesma compleição, o mesmo comportamento, a mesma aparência e a mesma maneira de cuidar do corpo qualquer que fosse a cultura de origem; em suma, independentemente da modalidade praticada, da idade das praticantes e da sua proveniência, todas deveriam corresponder uniformemente a uma "matriz" feminina predeterminada.

As grandes, as fortes, as musculadas, para já não falar das que não se depilam (ou seja, por outras palavras, todas as que, duma maneira ou doutra, se afastam do modelo encarnado pela patinadora e pela manequim tantas vezes mencionadas em contraponto), são impiedosamente desacreditadas *a priori* e tidas por "erros da natureza" ou "monstros" antes mesmo de serem avaliadas as suas *performances* desportivas (*L'Équipe Magazine*, 10/11/89: 36-37).

No desporto — em particular no desporto mediatizado —, e especificamente no que às mulheres diz respeito, qualquer desvio à norma é mal tolerado. Pelo menos nesse aspecto, o desporto institui-se como guardião de uma excelência feminina estereotipada e dos papéis femininos e masculinos. O corpo e a aparência das mulheres são observados à lupa e passados na peneira da "normalidade"; só excepcionalmente são assim julgados e comparados os desportistas do sexo masculino. Ser grande ou ser forte, numa palavra possuir a diversidade de morfologias e corpulências que existe entre desportistas de ambos os sexos, parece fazer parte das características concebíveis para os homens, sendo objecto de muito escassos comentários. Mais, é difícil imaginar que um praticante de lançamento de peso possa ter uma compleição idêntica à de um praticante de salto em altura. Mas

pretende-se das desportistas que sejam todas parecidas, magras e longilíneas, como se, para elas e só para elas, a eficácia gestual e técnica pudesse ser independente das capacidades físicas e de pré-requisitos morfológicos. Neste caso, toma vulto o desejo de um único modelo de mulher, a mulher "feminina", a única "desejável".

"Será que o desporto ameaça a beleza delas?" (*L'Équipe Magazine*, n.º 12, 12/81). Esta pergunta recorrente é conjugada exclusivamente no feminino. Haverá uma diferença assim tão grande quando as mulheres se mostram em plena acção, em pleno esforço desportivo? Alguns discursos permitem supô-lo: "Não há nada mais belo no mundo que uma Mary Decker a correr. As suas pernas adoráveis, que receberam merecidamente as honras de uma grande revista americana, originam uma passada que se caracteriza por uma constante elegância natural, *mesmo* aquando do esforço mais intenso" (Hansenne, 1983; sublinhado meu). É sem dúvida por isso que a obrigação de realçar a sua pertença a um sexo pesa especificamente sobre as desportistas, ainda que pelos atributos mais comuns, que são simultaneamente as marcas mais simbólicas da feminilidade na nossa cultura. "Agora que elas [as atletas dos países de leste] descobriram que têm direito a isso, vão escolher os seus frisadores de cabelo e o seu cabeleireiro. Do mesmo modo que começam a livrar-se dos seus calções em algodão branco, completamente fora de moda, e a substituí-los por elegantes *bodys* justinhos ao corpo. A Witt, a Bardot do desporto feminino no leste, mostrou-lhes o caminho. E é ver agora a russa Galina Chistiakova, co-recordista de salto em comprimento, a usar cuidadosamente, em pleno estádio, um bâton que lhe deixa os lábios como cerejas, apetecíveis em qualquer época do ano" (*L'Équipe Magazine*, 10/09/89: 36-37). Desportista e mulher, desportista *mas* mulher, carnal, sedutora. Se se pretendesse afirmar que o desporto (exceptuando as práticas que envolvem estética e graciosidade) não pertence à "natureza" das mulheres, pelo menos no imaginário do olhar masculino, não seria esse o tipo de discurso apropriado?

Por maioria de razão, noutros desportos que não as modalidades ligadas à ginástica ou à dança, nas quais a sua presença testemunha *ipso facto* a sua feminilidade, espera-se da desportista a demonstração (quando não a prova) da sua identidade, usando, precisamente, os artifícios próprios das mulheres: cabelo bem arranjado, bijutaria, maquilhagem ou unhas envernizadas. Através destes sinais, absolutamente superficiais mas tidos como parte integrante da feminilidade, as desportistas podem esperar ser julgadas pelo que são e também pelo que fazem.

Quando aparece a desportista: a suspeita de virilização

Por outras palavras, é possível verificar que a acusação de virilização continua actual no desporto, enquanto noutros domínios caiu em desuso. A história facultou-nos numerosos testemunhos deste facto: quando as mulheres começaram a sair dos espaços e dos papéis que lhes estavam estritamente consignados, foram apelidadas de masculinas, "viris" e mesmo assexuadas. Assim aconteceu com as que quiseram experimentar a literatura ou outras artes. A questão foi levantada com

maior intensidade no fim do século XIX e no início do século XX, quando a escolarização se tornou extensiva às mulheres e algumas delas inauguraram a feminização de profissões de prestígio para cujo exercício era indispensável possuir diplomas. Optando por práticas e actividades até então tradicional e exclusivamente reservadas aos homens, rompendo portanto com o papel que também classicamente lhes é reconhecido, as mulheres não podem senão masculinizar-se.¹³

No desporto, é antiga a questão das dúvidas levantadas relativamente ao sexo efectivo das atletas. A compleição “avantajada” de numerosas desportistas há muito que dá origem a vasto “falatório”; mas, particularmente na primeira metade do século XX, era comum pensar-se que o desporto virilizava as mulheres.¹⁴ É justamente este “excesso de virilidade” que levará à adopção do teste de feminilidade e à suspeita de ingestão de hormonas masculinas pelas desportistas nos anos 60. Ao longo do tempo, mercê dos efeitos do treino, a compleição física das desportistas aproximou-se da dos seus colegas. Para além da componente gestual e da eficácia técnica que é semelhante, os corpos de muitas delas masculinizam-se de facto, tanto no plano das aparências como no plano funcional. A compleição “avantajada” das desportistas, seja ela natural, devida aos treinos ou à absorção de andrógenos leva indistintamente à mesma acusação recorrente. A virilização “natural” ou “artificial” das desportistas e as suspeitas quanto à sua identidade/feminilidade¹⁵ têm sido aspectos confundidos ao longo da história.

A questão põe-se ainda com maior acuidade nos desportos em que há poucas praticantes e que a história e a cultura reservam aos homens (ciclismo, futebol, rugby, vários tipos de boxe). Mesmo que a mulher musculada beneficie hoje em dia de uma boa aceitação social, a identidade feminina das desportistas continua a ser posta em causa. A pretexto de imperativos de beleza/graciosidade que são apanágio da feminilidade como ela é culturalmente definida, as desportistas continuam a confrontar-se com discursos consensualmente normativos. Só elas deverão ter uma compleição “uniforme” qualquer que seja o desporto que pratiquem, só elas têm de atestar a “pureza” da sua identidade, só elas têm de suportar juízos depreciativos quando o seu corpo não é conforme aos cânones.

Elas serão desejadas

Para Pierre Bourdieu, *O SER no feminino*, no sentido da existência/do essencial, é praticamente redutível ao *ser-notado*; a relação com o corpo feminino é socialmente determinada e, acima de tudo, está “incessantemente sujeita à objectivação operada pelo olhar e pelo discurso alheios” (Bourdieu, 1998: 70-75). Tal como das outras mulheres, espera-se, talvez mesmo ainda mais, das desportistas que representem a feminilidade, obrigação que não poderão transgredir sem correrem o risco de perderem a sua identidade.

Naquilo que do desporto feminino é mostrado e relatado, bem como nas práticas pelas mulheres maioritariamente escolhidas (ginástica de manutenção,

práticas físicas com objectivos estéticos...), o trabalho focado na beleza do gesto e na modelagem do corpo, tendo em vista a imagem, ocupa um lugar central. P. Bourdieu postula que a “pretensa feminilidade” se inscreve numa relação de dependência perante as outras pessoas, aos homens em particular. Com efeito, que sentido atribuir a estes imperativos de “feminilidade” (incorporados pelas mulheres, já que, ao maquilharem-se, por exemplo, elas estão a respeitá-los ou, mais precisamente, a submeterem-se a eles) a não ser que eles se inscrevem na questão da sedução, do desejo (segundo o ponto de vista — dominante — masculino)?

O desporto reclama “verdadeiras” mulheres e “verdadeiros” homens no sentido mais clássico: mulheres “femininas”, homens “viris”. Ora, a prática desportiva traz consigo o problema da semelhança e até mesmo da confusão entre homens e mulheres. A particularidade das práticas desportivas é que o corpo está sempre forçosamente presente. Por outro lado, é ele o principal vector onde se inscreve a identidade de cada indivíduo. No desporto, o corpo age, é mostrado, visto e ainda sugerido e apreendido. Na maior parte dos casos, as actividades desportivas destinam-se a um olhar, seja ele profano ou competente, e ainda mais quando existe público, espectáculo, mediatização.

Através desta apresentação/representação dos corpos modelados, o desporto parece ser por excelência o lugar onde se põe em jogo o imaginário do outro, a alteridade. Com efeito, exprimem-se e são aí postas em cena uma masculinidade e uma feminilidade desenhadas através das suas diferenças mais notórias, diferenças essas que tornam homens e mulheres não apenas distintos, mas susceptíveis de serem atraídos uns pelos outros, de se encontrarem. O desporto deseja e forja, o que vem a dar no mesmo, mulheres femininas à maneira ideal, típica, “belas para (os) seduzirem”, e igualmente homens idealmente “viris”, ou seja, fortes e corajosos para (as) conquistarem.

As práticas, as imagens e os discursos do desporto têm este ponto em comum: é a imagem que mostra de si mesma que faz a mulher, tal como é a acção que faz o homem. Aqui, a feminilidade joga-se no (se é que não se reduz ao) parecer, enquanto a masculinidade se joga no fazer.

O corpo do desejo

Esta subordinação das mulheres/das desportistas às aparências foi exacerbada pela espectacularização e depois pela mediatização do desporto. De cada vez que investem em domínios desportivos pouco habituais para elas, é sobretudo a imagem *oferecida* ao olhar, mais que a prática propriamente dita, que levanta problemas, como está historicamente demonstrado.

É “a visão” destas mulheres “desgrenhadas e cobertas de suor” (Legrand e Ladegaillerie, 1970: Tomo I, 142) que é evocada quando se refere a corrida das costureirinhas de 1903, prova sobre a qual a própria Marie-Thérèse Eyquem escreverá mais tarde: “Os organizadores não compreenderam que a falta de preparação, o

gosto do espectacular e a promiscuidade são funestos para as mulheres" (Eyquem, 1944: 25). Nos primórdios do desporto feminino, desde logo é aí que está o busilis, como afirma claramente Pierre de Coubertin: "Técnicamente, as futebolistas ou as praticantes de boxe que já se tentou *exibir* aqui e além não apresentam qualquer interesse e nunca passarão de *dobragens* imperfeitas... se as desportistas forem *cuidadosamente libertadas do elemento espectáculo*, não há qualquer razão para serem proscritas. Ver-se-á o que daí resulta" (Coubertin, 1972: 125; sublinhados meus). Mais tarde, em 1928, subsistirá da primeira prova olímpica de 800 metros femininos a ideia de que "não foi [um espectáculo] *bonito de se ver*" (*Le journal de Francfort*, 3/8/1928). E além disso, dir-se-á das ginastas, nos anos 40, que, "nas barras paralelas, elas não deveriam nunca proporcionar o *espectáculo* de esgares, de contracções dolorosas no decurso dos exercícios, de penosas quedas" (Eyquem, 1944: 45; sublinhados meus).

Faça o que fizer, a desportista deve ter sempre um ar gracioso ou sorridente, sinais imperativos de feminilidade, a exemplo da figura da bailarina, praticante da modalidade feminina, feminizada, feminizante por excelência. Na dança clássica, "o esforço não deve em caso algum ser evidenciado. A bailarina deve conservar o seu sorriso mesmo com os pés ensanguentados nos sapatos de pontas" (Szczeney, 1977).

A iconografia respeitante às desportistas, bem como os discursos e os comentários que a elas se referem, funcionam *a fortiori* com base nesta redução. As imagens de desportistas do sexo feminino captadas no auge do esforço são reduzidas, quando não usadas como "contra-exemplos": assim aconteceu durante a primeira maratona olímpica feminina em 1984, em Los Angeles, onde, à semelhança do que se passou com a prova de 800m de 1928, os olhares (as câmaras) convergiram longamente para a chegada daquela concorrente titubeante em cujo rosto eram visíveis os esgares do esforço. A imagem, muitas vezes difundida, de Florence Griffith Joyner vencendo a prova olímpica dos 100m femininos em Seul, em 1988, foi não a do seu último esforço antes da linha de chegada, mas a do seu sorriso depois de a ter transposto. E quando, através de Jeannie Longo, Marc Madiot se dirige ao conjunto das mulheres dizendo "em esforço, vocês são feias" (*Le Monde*, 1987), não estará tão somente a enunciar em voz alta uma norma social?

Há uns 20 anos atrás, a excelência da desportista era personificada, pelo menos nos *media*, por uma jovem ginasta, Nadia Comaneci. Mais recentemente, uma patinadora, Katharina Witt, ocupava o mesmo lugar. Aqui e além, foram apresentadas longas descrições com pormenores da plástica dessas atletas, da sua graciosidade, da sua estética, em suma, da sua feminilidade, em quantidade pelo menos equivalente à que foi consagrada às prestações desportivas propriamente ditas. É aí que reside o molde, o referente, a matriz. Não restam dúvidas de que, por detrás destas descrições de umas, e mais precisamente pelo facto de ser sublinhada a sua conformidade a uma norma, está presente, ainda que de forma implícita, uma "prescrição" para as outras (Perrot, 1984: 62).

Para não chocarem os olhares enquanto desportistas, para não correrem o risco de perderem a sua identidade com a prática desportiva, não é exigido às mulheres que recorram ora a uma graciosidade aparente que encubra o trabalho, ora a

uma maquilhagem que disfarce a musculatura, ora a um sorriso que mascare o esforço ou o sofrimento? Não é exigido a todas que cultivem uma arte das aparências e até mesmo da dissimulação de si próprias?

É como se, na imagem das desportistas, importasse em primeira e em última instância o imaginário dos homens — esse sim, essencial —, que neles habita quando é mostrado um corpo de mulher. Evocando a dança e as modificações, espaciais entre outras, que a afectaram ao longo do século XIX, G. Andrieu recorda que "a dança é sempre para ser observada". Ao mencionar a introdução do estrado, em concomitância com a elevação em pontas da bailarina, ele faz notar que se está a espectacularizar verdadeiramente a dança clássica, ao mesmo tempo que "se eclipsam os bailarinos": "Desde o ballet romântico, a mulher teve de suportar sozinha a quase totalidade dos olhares, das paixões, dos arrebatamentos e, porque não dizê-lo, dos desejos carnavais" (Andrieu, 1988: 246). Este olhar masculino que procura em cada mulher o ser desejável pode muito bem ser conduzido por um imaginário idêntico sempre que (re)pousa nas desportistas e, muito particularmente, nas ginastas ou nas patinadoras, quando se diz, por exemplo, que K. Witt é "a Bardot" do leste ou quando se é sobretudo sensível às "belas curvas" de jovens campeãs de uma determinada modalidade.

Essas desportistas estão sem dúvida mais próximas daquilo a que o historiador René Nelli chama as "imagens-desejo do tacto masculino" (Nelli, 1975: 68). Com efeito, esse imaginário erótico parece ser solicitado somente pela positiva. Caso se observe outro tipo de desportistas, sublinhando que elas não passam de "camiões que não [nos] transportam" (*L'Équipe Magazine*, 10/09/89), que "não são sexy" ou que "não posariam para a *Play-boy*" (*L'Équipe Magazine*, 26/11/87), o referente é o mesmo de quando se sublinha, positivamente, que "algumas nada têm a invejar aos modelos da *Play-boy*" (*L'Équipe Magazine*, 29-30/06/85) ou que outras se "produzem" com "lábios de cereja que apetece saborear em qualquer época do ano" (*L'Équipe Magazine*, 10/11/89). Quando se trata do corpo feminino, a "contemplanção visual" não consegue limitar-se a uma simples apreciação estética; indissociável das necessidades eróticas, ela revela-se, como acentua R. Nelli, "sempre ameaçada pelos fantasmas da tactilidade" (Nelli, 1975: 183).

Quando aparecem as desportistas, o imaginário masculino procura, quer, exige sinais desse corpo feminino a um tempo ideal e desejável. No caso de faltarem ou de estarem atenuados esses sinais (quando, por exemplo, as desportistas exibem simultaneamente uma musculatura saliente, cabelo curto e se apresentam "ao natural", sem maquilhagem nem bijutaria), logo se desencadeiam, como vimos, as suspeitas, a inquietação, e até mesmo uma violência verbal mal contida.

Se virmos bem, só raramente as mulheres contrariam este jogo, se é que não adoptam práticas susceptíveis de o estimular. É prova disso o facto de continuarem a ser o principal público das modalidades que envolvem a ginástica ou a dança, onde expressamente é trabalhada a estética corporal e a beleza dos gestos, bem como o facto de não fazerem fila para as modalidades que requerem força, esforços duros e repetitivos, nem para aquelas em que se luta e se fica sujo ou que requerem uma certa corpulência; acresce ainda o facto de serem numerosas as desportistas que dão uma atenção muito especial aos sinais adicionais (maquilhagem,

"Histórias de mulheres em luta"

Agressividade e violência pois, mas também estética e eficácia. O *cliché* da lutadora atarracada, maciça, brutal e arrapazada já não colhe. A luta feminina está a passar por interessantes metamorfoses: "Vêm-se ainda bastantes raparigas redondas que, com o passar dos anos, se vão adelgaçando. E belos músculos longos vão substituindo os excessos de gordura", afirma Laurent Deleidy, sénior de 20 anos. E o atleta explica que não lhe repugna nada partilhar um tapete com uma lutadora. Face a tantas anatomias expressas, não é grande a tentação? Com uma gravidade monástica, desportistas de ambos os sexos juram que não há qualquer ambiguidade que perturbe os puxões nos tapetes de treino.

Os treinadores são muito rigorosos a esse respeito, tanto mais que se lamentam por vezes de terem de suportar, aquando de competições femininas, espectadores bem mais interessados em puxões envolvendo vulvas e púbis e pondo em relevo a anatomia das desportistas do que na técnica dos gestos. A federação passou mesmo pelo horror de descobrir imagens de um encontro publicadas numa revista pornográfica.

Contudo, se as lutadoras tivessem a silhueta de Marilyn Paoli (16 anos e meio, mais de 1,80m para 70 kg de peso), um corpo alongado capaz de fazer inveja a uma *top model*, uma musculatura harmoniosa e um rosto romântico, a luta feminina ganharia certamente com isso um público muito mais vasto. Com cinco títulos de campeã de França e um mundial, a bela rapariga é estudada sob todos os ângulos.

Libération, 21 de Maio de 1990

penteados, jóias). Duma maneira ou doutra, todas trabalham em função das formas a exhibir, as únicas susceptíveis, como vimos, de comprovarem a sua feminilidade de um modo ainda mais credível (porque mais visível) que o certificado do próprio nome. Algumas mulheres participam activamente neste jogo dos imaginários: assim acontece com as praticantes de *body-building* quando produzem formas de coreografias tão sensuais quanto plásticas, com o corpo minimamente vestido, por exemplo, ou com as jovens ginastas quando fazem rolar sobre o corpo uma bola que o vai acariciando da cabeça aos pés.

Seja qual for a óptica adoptada para ler o que se faz e o que se diz em matéria de práticas físicas e desportivas femininas, há algo que aparece como um inevitável ponto de passagem: o corpo desejável das mulheres, que se institui como referência comum às múltiplas formas de actividades e de comportamentos por elas adoptados, como lugar de coerência das práticas e dos discursos, do que é mostrado e do que é visto, enquanto as compleições físicas, as aparências e os "cânones" de beleza, tal como as próprias práticas desportivas, se modificaram.

O jogo deste imaginário erótico é, visivelmente, exacerbado no desporto. É que, aqui, o corpo não só está em grande parte desnudado, como se mexe, corre, salta, se eleva, roda, se estende, se arqueia, as pernas abrem-se. Seios, nádegas, coxas, pernas, atributos de feminilidade e "zonas erógenas" são visíveis, expostos, postos em relevo. Assim, o corpo, inclusive o desportivo, oferece-se ao olhar e à vista do público, por maioria de razão quando há espectáculo. A captação de imagens, através da câmara de filmar ou da máquina fotográfica, foca o olhar, com a ajuda do jogo das teleobjectivas, com tanto mais eficácia quanto o comentário contribui para orientá-lo.

No desporto, visto e mediatizado, os efeitos sugestivos são desmultiplicados; a mulher parece em todo o caso encontrar-se de bom grado mais "na situação de objecto-suporte dos fantasmas masculinos" (Labridy, 1978) do que na posição de sujeito actuante.

Não está aliás posta de lado a hipótese de que esse imaginário masculino do corpo feminino — que, das mulheres aos homens, se construiu culturalmente numa lógica de corpo oferecido/corpo possuído — tenha estado particularmente presente nas resistências à actividade desportiva das mulheres. As práticas e os discursos relativos aos usos das desportistas no que se refere ao vestuário usado ao longo do século constituem um bom indicador deste ponto de vista. Regulamentos explícitos e códigos de conduta implícitos que muito pouco têm a ver com aspectos funcionais regem o *modus faciendi* neste domínio. Primeiramente e acima de tudo, destinam-se ao corpo feminino, que alguns pretendem preservar dos olhares de outros talvez para o reservarem para si.¹⁶

Ao longo da história, as práticas (desportivas, relativas ao vestuário, estéticas...) têm, evidentemente, mudado; os fantasmas eróticos masculinos têm-se igualmente reestruturado, enquanto a nudez se tornou de certo modo banal fora da esfera íntima. Mas tanto no caso de uma desportista que tinha de se cobrir para ser mulher, como no caso de uma desportista que para ser mulher tem de ser graciosa, sorridente ou bem arranjada ("produzida"), não será que todos os preceitos se destinam a uma só e mesma mulher, que, através do seu corpo sugerido ou mostrado, deve poder ser desejável, uma mulher relativamente à qual os homens não podem evitar a vontade de possuir, pelo menos no seu imaginário, uma mulher que deve reservar alguns dos seus rostos (como o do sofrimento) para a intimidade e para um só homem (já que as máscaras do prazer e do sofrimento se sobrepõem)?¹⁷

Conclusão

A vertente dita positiva (a desportista que se mostra sorridente, sem dar a perceber o esforço e a sua natural consequência — o suor —, de quem se elogiam as formas, o sorriso e a graciosidade, a "feminilidade", numa palavra) e a vertente negativa (a desportista tida por excessivamente musculada, angulosa, descrita como masculina, em suma) são duas faces duma mesma expectativa que pesam sobre as desportistas e que são reveladas pelos *media*. Fica-se sempre à espera da mesma mulher, ideal e conforme aos cânones, a mulher sedutora a quem é reservada antes de mais uma função "decorativa" e de objecto sexual.

Pode pensar-se que muitas desportistas levantam, sem o desejarem, e de forma crucial, a questão dos contornos da masculinidade e da feminilidade (ao exibirem corpos que se afastam dos cânones). Ser parecido (que é uma coisa muito diferente de *fazer* parecido) é uma perspectiva insustentável e impossível; é exactamente para esta questão que são remetidos os homens perante as futebolistas ou as praticantes de boxe (que sobraria para os homens em exclusivo?). É sem dúvida

uma das razões pelas quais estas desportistas não aparecem nos *media* ("Não são femininas", "são homens").

Sob formas explícitas ou tácitas, e tal como na publicidade, espera-se ver a desportista sob o ângulo de uma feminilidade que a inscreve num esquema muito tradicional de relações sociais com os homens, próximo da dependência, senão mesmo da dominação, como diria Pierre Bourdieu. A respeito da presença das mulheres nos *media*, um dos dois objectivos definidos aquando da IV Conferência Mundial sobre as Mulheres, em Pequim (1995), era "promover uma imagem equilibrada e não estereotipada das mulheres nos *media*". O desporto continua a não ser exemplar desse ponto de vista. Pode-se avaliar isso pelo tratamento de que foram alvo durante o Mundial de Futebol.

Em França, foram interpeladas de duas maneiras. Num caso, apareceram em imagens e em comentários que as instrumentalizavam de forma clássica: uma jovem comentadora "bela ruiva polposa", escolhida através de um *casting* (*France 2*, 05/06/1998), imagens de adeptas a levantarem as *t-shirts* para as câmaras, "*top models* em cartaz" (modelos "disfarçadas" de jogadoras de futebol) (*Elle*, 08/06/98) ...para acabar depois do Campeonato do Mundo com o "repouso dos guerreiros".¹⁸ Noutro caso, foram postas, por sua vez, na situação de instrumentalizadoras dos homens, elegendo o "*mister futebol*" ("Ronaldo, o mais *sexy* dos jogadores", "futebol e libido..."), ou mostradas em grande excitação ante a perspectiva de irem ver um espectáculo de "*sexy boys band*" (*strip-tease* masculino) (*Elle*, 08/06/98). Nos dois casos, as mulheres foram frequentemente relegadas para a categoria arquetípica da sedutora, remetidas à posição de objectos e não de sujeitos. Esta tendência é remanescente na publicidade. Obsequiar esta feminilidade que corresponde às expectativas da maioria (homens e mulheres) constitui um ângulo no mínimo insidioso¹⁹ para sublinhar a presença das mulheres no desporto.

A última questão é evidentemente a das possíveis transformações e dos fulcros de acção. Todos os lugares onde se constroem relações sociais entre os sexos são importantes: a escola, o lar, o local de trabalho, as áreas públicas, as actividades culturais e de ocupação de tempos livres são, conjuntamente com as práticas físicas e desportivas, espaços onde diferenças e desigualdades se exprimem e perpetuam. Por isso, é preciso torná-los visíveis e inteligíveis (no plano empírico e no plano teórico). Do mesmo modo, é importante, em especial para as novas gerações, que são rapazes e raparigas (e não A juventude ou A infância), mostrar as possibilidades das jovens.

Aqui, a linguagem pode ser uma alavanca importante, se quisermos admitir que "as palavras fazem as coisas". A feminização das palavras, e em particular dos nomes de profissões e de funções, é apenas, como fazem notar as linguistas e as historiadoras, uma questão de gramática. Como sublinha C. Tetet, a linguagem "que escamoteia as mulheres, de maneira explícita ou dissimulada, tem um papel obscurantista" (Tetet, 1997). É essencial, no respeitante, por exemplo, às projecções de si próprias para as raparigas, que as mulheres sejam sujeito de linguagem,²⁰ que as mulheres falem e sejam faladas no seu género, isto é, no género feminino. Ora, a linguagem usada para qualificar ou designar as mulheres no desporto é prova de grandes resistências ou, no melhor dos casos, de uma certa perturbação. São raros

em França os termos "coureuses" (corredoras) e "entraîneuses" (treinadoras), femininos gramaticalmente correctos de "coureurs" e de "entraîneurs", enquanto na Suíça essas palavras são correntemente usadas na imprensa. Christiane Tetet mostrou bem a extrema dificuldade dos jornalistas em qualificar as desportistas e o feminino no desporto utilizando o seu género; eles "esquecem" ou "evitam" empregar as denominações a que as desportistas dão ou podem dar origem".

As palavras são, em conjunto com as imagens, suportes através dos quais as representações se constroem. São portanto meios sobre os quais podemos ter domínio. As palavras talvez possam tornar as coisas possíveis...

[Tradução de Manuel Azenha, Revisão de Clara Lourenço]

Notas

- 1 Porque nos fundamentos das escolhas desportivas (é este o quadro teórico no qual me inscrevo), há a incorporação de relações com os espaços, com os objectos e de um modo mais geral com as "culturas somáticas" (L. Boltanski, 1971).
- 2 Dado o neologismo "féminibles" do texto original, o tradutor optou por um neologismo do mesmo tipo em português. (N. do T.)
- 3 Os poucos homens que escolheram, por exemplo, a natação sincronizada experimentam uma situação "simétrica", a vários títulos comparável.
- 4 São muitas as questões que, de certo modo, desembocam nos valores culturais dominantes. Se F. Artaud foi elevada à condição de heroína, isso ficou a dever-se à sua coragem, aos riscos (considerados máximos) que correu. Ela socorreu-se da sua grandeza moral — diferentemente daquelas que se socorreram "somente" da sua força. Do ponto de vista das "virtudes masculinas", será que há menos mérito em ser forte que em ser corajoso?
- 5 O virar do século e os anos 70 são testemunhas de uma "ofensiva feminina" rumo a práticas desportivas mais ou menos fechadas, concomitantemente com uma "conquista de terreno" noutros domínios sociais e profissionais.
- 6 Decorrente de resoluções tomadas aquando da Conferência Mundial de Pequim, o inquérito Mediawatch foi realizado em 1995 em 71 países. No que respeita à França, as mulheres representam 17% das pessoas referidas nas notícias (cf. Barré, Debras, Henry e Trancart, 1999).
- 7 Em 1998, as mulheres representam em França 38,5% das carteiras profissionais (Barré, Debras, Henry e Trancart, 1999).
- 8 Dados provenientes do grupo de trabalho "Mulheres, desportos e *media*"; grupos "Mulheres e desporto" oficialmente criados por Marie-George Buffet em 22 de Setembro de 1998; relatório provisório publicado aquando do "Congresso Nacional Mulheres e Desporto", realizado em Paris em 29 e 30 de Maio de 1999. No respeitante à imprensa escrita, foram analisados 24 títulos entre Fevereiro de 1998 e Fevereiro de

1999. Por outro lado, foram analisadas 945 sequências difundidas por 29 canais de televisão e 19 estações de rádio. Os dados estão em fase de tratamento.
- 9 Conselho Superior do Audiovisual.
- 10 Os J. O. são uma ocasião, a bem dizer excepcional, para mostrar mulheres que saltam para a água, que praticam judo, ciclismo, e ainda para ver imagens dos desportos "clandestinos" durante alguns minutos, quando não mesmo horas. Os dados do CSA para 1996 (Atlanta) são muito eloquentes nesse aspecto.
- 11 Cf. Inquérito Mediawatch referente a França, Setembro de 95-Agosto de 96. Note-se, no entanto, que as impressões espontâneas levam, ao invés, à percepção do desporto mediatizado como um universo misto; no caso do desporto, como noutros, o impacto forte das imagens produz efeitos deformantes: as desportistas são efectivamente *visíveis* nos *media*, inclusive em actividades pouco comuns para mulheres: de par com as mais "clássicas" jogadoras de ténis ou corredoras, é possível ver navegadoras, ciclistas, pilotas de automóvel, alpinistas. E há igualmente mulheres que são jornalistas desportivas no pequeno ecrã ou na rádio. Tal como noutros domínios tradicionalmente mais reservados aos homens, basta que algumas mulheres tenham acesso a essas práticas e apareçam nos *media* para que muitos concluam que existe uma paridade efectiva.
- 12 É inútil fazer notar as numerosas tentativas de revistas especificamente consagradas ao desporto feminino que surgiram nos anos 80 e se saldaram todas por fracassos. A imprensa "feminina" é, em contrapartida, um mercado em expansão e, recorde-se, apenas dedica ao desporto (feminino) 1% das suas páginas.
- 13 Sobre a "masculinização" das mulheres, ver Maugue, 1987 (83 e ss); Barbey D'Aurevilly, *Pensées détachées. Fragments sur les femmes* (1889), citado por Maugue (87); e Martin-Fugier, 1983 (201).
- 14 Um olhar sobre a história mostra que muitas das reservas postas à prática desportiva das mulheres se fundamenta nesse receio, o mesmo acontecendo relativamente ao seu acesso a formação, empregos, actividades da vida pública, etc. Esta acusação de virilização persiste na razão directa da masculinização das práticas em questão.
- 15 Como se pôde verificar com o caso de Amélie Mauresmo, a homossexualidade (declarada ou presumida) conduz a essa mesma acusação: serão elas mulheres de verdade?
- 16 De notar precisamente a obrigação que as desportistas dos países muçulmanos têm de se cobrirem mais ou menos totalmente e/ou de não participarem em provas diante de homens. Entretanto, à margem do desporto, são veladas e enclausuradas.
- 17 Algumas passagens sobre desportistas do sexo feminino em *Les Olympiques*, de Montherlant, são bem explícitas a esse respeito: "Terei visto algumas destas jovens desportistas oferecerem ao olhar de curiosos, à vista das respectivas mães, esse último segredo saído duma face desfigurada, esse espasmo de dor no qual só o marido tinha outrora o direito de se perder pois que era dele o criador e o dono". Palavras que o narrador tem vontade de dizer à menina Piémour, mas que não diz: "Não desperdice esse poder de sofrer que deveria esconder no mais recôndito de si própria para aquele que provavelmente está à sua espera e que o desencadeará com um vago orgulho" (1954: 96-97).
- 18 Capa de *Voici*, Agosto de 1998 (onde se fala dos jogadores em férias com as mulheres, as namoradas, as amigas...).

- 19 Insidioso porque tudo nos modelos culturais e nos estilos de vida incita as mulheres a permanecerem nesta relação de grande dependência do físico e da sedução através da aparência, ou seja a alimentar a relação de dominação. Ora, o desporto é apresentado como uma prática "emancipadora" das mulheres, inclusive em relação às normas de feminilidade. O desporto pode aliás contribuir efectivamente para uma emancipação das mulheres (veja-se um grande número de situações no Norte de África ou nos países muçulmanos do Médio Oriente).
- 20 Em todos os sentidos da expressão. Psicólogas/os e psicanalistas têm sublinhado largamente este aspecto essencial à construção da pessoa.

Referências bibliográficas

- Andrieu, Gilbert (1988), *L'Homme et la Force*, Paris, Actio.
- Barré, Virginie, Sylvie Debras, Natacha Henry e Monique Trancart (1999), "Dites-le avec des femmes", in *Le Sexisme Ordinaire dans les Medias*, Paris, CFD/AFJ.
- Bourdieu, Pierre (1998), *La Domination Masculine*, Paris, Seuil (tradução portuguesa de Miguel Serras Pereira, *A Dominação Masculina*, Oeiras, Celta, 1999).
- Coubertin, Pierre de (1912, 1972), *Pédagogie sportive*, Paris, J. Vrin.
- Davis, Annick e Catherine Louveau (1998), *Sports, Ecole, Société: la Différence des Sexes*, Paris, L'Harmattan.
- Eyquem, Marie-Thérèse (1944), *La Femme et le Sport*, Paris, J. Susse.
- Hansenne, M. (1983), "Ça suffit les machos", *L'Équipe Magazine*, de 28 de Novembro.
- Labridy, Françoise (1978), "Pratiques sportives, différenciation sexuelle et émancipation féminine. Résistance, répétition, rupture", *Hispa*, VII Congresso Internacional, Paris.
- Legrand, Fabienne e Jean Ladegaillerie (1970), *L'Éducation Physique au XIX^e et au XX^e Siècles en France*, Tomo I, Paris, Armand Colin.
- Louveau, Catherine (1986), *Talons Aiguilles et Crampons Alu... les Femmes dans les Sports de Tradition Masculine*, Paris, INSEP-SFSS.
- Louveau, Catherine (1999a), "Sportives et dopage: le sport contre la féminité?", in Patrick Laure (org.), *Le Dopage, un Fait Social*, Paris, Ellipses.
- Louveau, Catherine (1999b), "Elles sont devenues sportives...?", *EPS*, n.º especial 50.º aniversário.
- Martin-Fugier, Anne (1983), *La Bourgeoise*, Paris, Grasset.
- Maugue, Anne-Lise (1987), *L'Identité Masculine en Crise au Tournant du Siècle*, Paris, Rivages.
- Montherlant, Henry de (1954), *Les Olympiques*, Paris, Gallimard.
- Nelli, René (1975), *L'Amour et les Mythes du Cœur*, Paris, Hachette.
- Perrot, Philippe (1984), *Le Travail des Apparences ou les Transformations du Corps Féminin, XVIII^e-XIX^e Siècles*, Paris, Seuil.
- Pociello, C. (1986), *Le Rugby ou la Guerre des Styles*, Paris, A. M. Métaillié.
- Szczesney, Solange (1977), *Essai d'Identification et d'Analyse des Déterminants Sociaux de la Pratique de la Danse*, tese para obtenção do diploma do INSEP.

Tetet, Christiane (1977), "La linguistique, le sport et les femmes", *Cahiers de Lexicologie, Revue Internationale de Lexicologie et Lexicographie*, 71(2), 195-220.

Catherine Louveau é socióloga, maître de conférences, responsável do Centro de Estudos das Transformações das Atividades Físicas e Desportivas, Faculdade das Ciências do Desporto da Universidade de Rouen. Publicou numerosas obras sobre diversos aspectos do fenómeno desportivo dentre as quais se destacam: *Dopage et Performance Sportive, Analyse d'une Pratique Prohibée*, com Muriel Augustini, Pascal Duret, Paul Irlinger, Anne Marcellini (Paris. INSEP, 1995) e *Sports, École, Société: la Différence des Sexes Feminin, Masculin et Activités Sportives*, com Annick DAVISSE (Paris, L'Harmattan, 1998).